

## Rudolfo Anaya, o génio do lugar<sup>1</sup>

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

**Palavras-chave:** Rudolfo Anaya, *Abençoa-me*, *Ultima*, romance mexicano-americano, hibridismo

**Keywords:** Rudolfo Anaya, *Bless Me*, *Ultima*, Mexican-American novel, hybridism

Um bom livro distingue-se por ter um enredo cativante; um grande livro apresenta-nos personagens memoráveis; um clássico reúne ambas as qualidades. É o caso de *Bless Me, Ultima*, o romance de estreia de Rudolfo Alfonso Anaya, que a Editora Vega oferece ao público nacional. Esta tradução dá finalmente a conhecer uma das vozes mais marcantes não apenas da literatura mexicana-americana da atualidade, mas também das letras universais.

*Bless Me, Ultima* ocupou o autor durante sete anos e corresponde à primeira parte de uma trilogia completada pelos romances *Heart of Aztlan* (1976) e *Tortuga* (1979). Apesar de unidos por certas personagens e locais, cada um dos referidos livros pode ser compreendido na ausência dos restantes. No seu conjunto, evocam a magia das curandeiras do Novo México, celebram as tradições e as lendas dessa região, denunciam a hegemonia cultural e económica norte-americana.

O manuscrito de *Bless Me, Ultima* foi rejeitado diversas vezes por importantes editoras nova-iorquinas. O autor brinca com esta fraca recetividade, ao afirmar: “obtive cartas de rejeição suficientes para cobrir as paredes de um quarto”. Porém, a sua sorte muda quando, ao folhear o jornal mexicano-americano *El Grito*, depara com um convite para submeter textos originais. Sem hesitar, Anaya envia *Bless Me, Ultima* e arrebatou o prestigiado Prémio Quinto Sol, que o catapultou para o êxito.

Em breve, este romance surgiu nas montras das livrarias da costa oriental à ocidental dos EUA, e galvanizava o interesse pela literatura mexicana-americana. A América de todas as cores folheava o tocante relato de Antonio “Tony” Márez, um rapazito *chicano* que, tal como o autor, viveu durante os anos quarenta, na zona de Santa Rosa.

Não se tratou de um êxito efémero ou justificado por grandes operações de *marketing*, como tantas vezes sucede. Até 1989, *Bless Me Ultima* já tinha sido reeditado dezoito vezes, e

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Rudolfo Anaya, O génio do lugar” (prefácio). *Abençoa-me, Ultima*, de Rudolfo Anaya. Trad. de Nuno Batalha. Lisboa: Nova Vega, 2005. 7-13. ISBN: 972-699-815-8.

vendido mais de duzentos e vinte mil exemplares. Entre os críticos e acadêmicos, o romance serviu de mote a inúmeros ensaios, dissertações e obras de interpretação. Atualmente, é parte incontornável dos programas de Estudos *Chicanos*, de diversas universidades estadunidenses e europeias. No nosso país, tem vindo a ser analisado em várias faculdades de letras, no âmbito da cadeira de Literatura Norte-Americana, e já deu origem a um razoável *corpus* crítico.

Como logrou o autor do Novo México, com apenas um romance, obter projeção, ao ponto de ser apelidado de “pai das letras *chicanas*”? Anaya gosta de relatar um episódio ocorrido na sua infância, revelador do seu destino artístico. Seguindo um costume local, a família depositou em frente ao menino diversos objetos, para adivinhar a sua vocação. Martin, o pai, apresentou-lhe uma sela de cavalo, desejando talvez para Anaya o destino de *vaquero*. Rafaelita, a mãe, mostrou-lhe algumas folhas de papel e um lápis. Instintivamente, a criança gatinhou na direção do material de escrita.

Um ditado *chicano* condensa o valor etnográfico e literário da tradição oral ao afirmar: *Buenos cuentos, buenos amigos*. Na infância, Anaya deleitava-se a escutar os *cuentos* (narrativas), os *chistes* (brevíssimos episódios), os *dichos* (provérbios), as *adivanzas* (enigmas), e os *corridos* (canções). A sua imaginação de menino vagueava pelas mais diversas lendas e mitos, contadas por pais, familiares e amigos. Mais tarde, nas escolas secundárias de Albuquerque, a capital do Novo México, a vocação para a escrita desenvolve-se com a leitura de Shakespeare, Milton, Dante, Faulkner e outros autores do cânone anglo-americano.

No entanto, estes vultos literários não o ajudavam a contar uma história autenticamente *chicana*. Para ultrapassar esta dificuldade, Anaya recorreu à sua vivência, primeiro no meio rural de Pastura, depois nos bairros étnicos de Albuquerque. Convocou para a ficção a figura típica da *curandera*, que tratava os doentes com rezas e mezinhas. Usou o castelhano e o *choteo*, uma gíria irreverente e masculina. Misturando estes elementos, *Bless Me, Ultima* resulta como um romance radicular, escrito por um homem de letras que conhece e ama o Novo México.

Boa parte do enredo consiste na busca da identidade individual e étnica de Antonio, um rapazinho mexicano-americano. Este é um dos mais queridos motes da literatura do sudoeste, abordado em diferentes formas e estilos por escritores como Américo Paredes, José Antonio Villarreal, Tomás Rivera, Óscar Zeta Acosta, Rolando Hinojosa, Isabella Rios, Sandra Cisneros ou Cherríe Moraga.

Perdido entre dois sistemas culturais, que não compreende cabalmente, Antonio consente influências quer da cultura norte-americana (branca, protestante, moderna) quer dos valores transmitidos pelos seus pais (mexicanos-americanos, católicos, conservadores). Vale-lhe a orientação e o afeto de uma curandeira local, Ultima, *la Grande*, para descobrir a sua identidade como pessoa e membro da comunidade *chicana*.

Ultima é a mais misteriosa e encantadora das personagens criadas por Anaya. O seu perfil condiz com a imagem tradicional da feiticeira *chicana*: velha, sábia, cheia de segredos, sempre acompanhada por um estranho mocho. A intervenção desta curandeira no enredo processa-se a dois níveis: por um lado, Ultima faz exorcismos e curas milagrosas, para pasmo dos habitantes de Santa Rosa; por outro, serve de guia espiritual a Antonio. Graças aos seus conselhos e histórias, o rapazinho aprende os mistérios da natureza e abraça os valores da sua etnia. Como afirma o ensaísta Robert Gish: “Ultima é ao mesmo tempo reconfortante e corajosa, uma espécie de substituto dos pais de Antonio; ela é a curandeira e a bruxa; o espírito e a pessoa; o humano e o animal; o mortal e o imortal; o reverenciado e o temido”.

Revela Anaya que Ultima é inspirada numa figura real e marcante da sua infância. Uma noite, ao dactilografar algumas páginas do romance, sentiu uma presença na sala. Voltou-se e viu uma velha curandeira, que lhe perguntou: *Que haces, hijo?* Sobressaltado, Anaya respondeu que escrevia. De imediato, a mulher poisou-lhe a mão no ombro, Anaya fechou os olhos e teve uma visão do enredo. Verdade ou lenda, *la Grande* é uma personagem inesquecível e poderosa, digna de emparceirar com Gandalf, *O Branco*, de *O Senhor dos Anéis* ou qualquer mago dos livros da série Harry Potter.

Ainda no âmbito do maravilhoso, Anaya faz referência a diversas tradições e crenças do Novo México. Tal concede ao romance uma dimensão etnográfica agradável aos leitores que buscam numa obra o típico de uma região. Em diversos livros, Anaya descreve de forma pormenorizada e colorida, os mais variados costumes: as peças de Natal em *Bless Me, Ultima*, *Heart of Aztlán* ou *Zia Summer*; a matança do porco em *Albuquerque*; as viagens dos conquistadores em *Shaman Winter*; a procissão tradicional em *Zia Summer*; o velório em *Albuquerque*; a queima do Coco em *Río Grande Fall*; as danças dos Matachines em *Zia Summer*.

*Bless Me, Ultima* apela também aos leitores de outras culturas, transpondo os limites do contexto social e geográfico do Novo México rural, para assumir um significado mais lato. Em parte, isso deve-se à forma como o romance se arquiteta, à arte narrativa de Anaya, que combina tradições europeias, trazidas pelos conquistadores, com o folclore indígena, numa saborosa mistura de culturas.

Nesta linha, é legítimo afirmar que Anaya ascendeu a autor universal precisamente por ser *regional*. Como é sabido, o cânone literário absorve escritores que sabem captar com mestria o *genius loci*. James Cooper, Mark Twain, Henry Thoreau, Willa Cather, William Faulkner ou John Steinbeck são apenas alguns autores cujas obras se internacionalizaram e sobreviveram ao teste do tempo.

Nos livros dos escritores mencionados, o leitor apercebe-se do amor profundo que une as gentes à terra, bem como das lendas, tradições, variedades dialetais e maneira de ser típicos

de uma região. Este sentimento é comum a todo e qualquer homem e mulher, das Antípodas ao Pólo Norte, das ilhas do Pacífico ao nosso país.

A escrita de Anaya, profundamente telúrica, reflete a paixão pela natureza. Como Ishmael, personagem do romance *Moby Dick*, de Herman Melville, que compreende o sentido da eternidade ao contemplar o oceano, também Anaya conheceu na terra do *llano* e do *pueblo* uma epifania. Num texto então inédito, que partilhou comigo, o autor explica:

Os novo-mexicanos são contadores de histórias natos. Somos o resultado de uma tradição oral muito rica, que teve origem no Mediterrâneo e se desenvolveu no Novo Mundo, transmitida de pais para filhos, ao longo dos séculos. O tempo e a natureza infundiram-me o carácter sagrado do ato de narrar. Fui profundamente afetado pela beleza nua do *llano*, na zona oeste do Novo México, a minha terra-natal. O júbilo, a magia e a alma das margens do rio Pecos encontram-se no meu trabalho, desde o início. As vozes dos antepassados; a canção do rio e das colinas; o murmúrio da Terra — tudo moldou a minha obra literária.

Os Navajos chamavam ao Novo México “a terra onde o espaço e o tempo abundam”. O território estadual abrange uma vasta extensão, constituída sobretudo pelo *llano*, um planalto de sessenta mil milhas quadradas, seis mil pés acima do nível do mar. No extremo oeste, delimitam-no a cidade de Las Vegas e o Rio Pecos, enquanto a leste faz fronteira com o Palo Duro Canyon e a cidade de Amarillo, um dos maiores centros texanos de criação de gado.

O *llano* é o espaço exterior por excelência nas obras de Anaya, surgindo *in praesentia* no romance que o leitor folheia, e *in absentia*, através das recordações das personagens, em obras como *Heart of Aztlan* ou *Tortuga*. Para *vaqueros*, ameríndios e nómadas, esta aridez solitária é sinónimo da grandeza, independência e intimidade com a natureza.

O planalto permite duas formas de subsistência opostas: o *nomadismo*, inerente à criação de gado e à pastorícia, e a *sedentarização*, ligada ao cultivo da terra. Anaya conhece bem estes modos de vida, dado que o seu pai era um *vaquero*, enquanto a mãe descendia dos agricultores do *llano*. Em *Bless Me, Ultima*, Gabriel Márez representa a primeira atividade, pois conduziu as manadas de gado através do *llano* ao longo de toda uma vida errante. Sentindo-se como o último *vaquero*, Gabriel recorda nostalgicamente o tempo em que cavalgava através do planalto, tal como os antepassados.

Os sonhos de Gabriel entram em colisão com os da mulher, María Luna, mãe de Antonio, que ama a vida sedentária e os ritmos calmos da quinta. Por isso mesmo, María não se inibe de criticar o modo de vida do marido e tenta persuadir o pequeno Antonio a não seguir as passadas do pai, sob pena de se tornar num vagabundo, sem eira nem beira.

Ultima explica ao jovem estas diferenças de temperamento com base no sangue que corre nas veias de cada um dos seus pais. O apelido Márez, que em Português significa *marés*, evoca a inquietude dos oceanos e a vontade de partir; por seu turno, o nome *Luna* remete para a lua, cujos ciclos são imutáveis, e para Puerto de Luna, uma zona agrária. Nesta linha, Gabriel aproxima-se dos conquistadores, fascinados pelas viagens e pela descoberta; María está mais ligada ao espírito índio, centrado na agricultura.

No entanto, nem no mundo ficcional nem no real, há um Gabriel-espanhol e uma María-índia. A mestiçagem é uma combinação infinda de elementos genéticos e culturais. O resultado não é a soma das partes, mas uma identidade nova, dinâmica e rica, que Anaya celebra em *Bless Me, Ultima* e no romance *Albuquerque* (1994), por exemplo.

Outro aspeto a salientar em *Bless Me, Ultima* é a variedade de técnicas narrativas utilizadas pelo autor para construir uma atmosfera de realismo mágico. Anaya apropria e subverte mitos, lendas e símbolos, com mestria. Para além da mitologia *chicana* e das crenças índias, o romancista conhece com profundidade o imaginário greco-latino, que estudou enquanto aluno na Universidade do Novo México. Diversas viagens permitiram-lhe contactar com a civilização asteca, fulcral não apenas para a sua escrita, mas também para o movimento de renovação da cultura *chicana*, iniciado nos anos 60 e desenvolvido na década seguinte.

Este clima de realismo mágico concretiza-se ainda nos sonhos que povoam as páginas das suas obras. No final do segundo capítulo de *Bless Me, Ultima*, por exemplo, Antonio sonha que mãe lamenta a perda da sua pureza infantil; logo no início do terceiro, o menino queixa-se precisamente da rapidez com que a infância foge. Nesta situação, o sonho tem eco no mundo real; noutros casos, sucede o oposto. No capítulo oito, Antonio descobre que os irmãos frequentam a *Rosie's House*, um bordel, e sonha com a eventual perda da sua inocência, na secção seguinte.

Em conclusão, escritor regional e homem do povo, Anaya assume-se como um *chicano hasta los huesotes* (chicano até à medula), não rejeitando a sua herança étnica nem na vida nem na escrita. Nesse contexto, tem lutado pela dignificação das tradições e modos de vida do Novo México, fazendo da cultura um campo de batalha; e da escrita, um instrumento de intervenção. Em *Bless Me, Ultima*, por exemplo, Anaya reflete acerca da relação entre comunidade e o espaço; do papel do catolicismo na educação dos mais novos; da mistura entre religião e paganismo; das consequências do colonialismo norte-americano na paisagem e na vivência dos *chicanos*. Nas obras seguintes, alarga as temáticas e debruça-se sobre aspetos como a energia nuclear e a ecologia; a arquitetura moderna por oposição às construções tradicionais chicanas; a vida nas urbes do sudoeste dos EUA.

Três dezenas de anos depois de nos ter brindado com uma série de romances, poemas, textos dramáticos, histórias para crianças, recolhas etnográficas e ensaios, Anaya granjeou um lugar no cânone literário norte-americano e universal. E, página a página, geração após geração, continua a tocar-nos e a *abençoar-nos* com a sua magia.

### Resumo

O romance de estreia do escritor mexicano-americano Rudolfo Anaya, *Bless Me Ultima/Abençoa-me, Ultima* (1972), constitui uma obra-prima do realismo mágico, tendo arrebatado o prestigiado Prémio Quinto Sol. Neste prefácio, foco aspetos como: a) o regionalismo e a paixão pela natureza que perpassam pela narrativa; b) a busca da identidade individual de Antonio, um rapazinho mexicano-americano; c) as questões levantadas pelo hibridismo entre dois sistemas de crença e duas culturas; d) a interação entre diversas etnias na sociedade multicultural norte-americana.